

GARATUJAS

POR

Mello Freitas

BACHAREL FORMADO EM DIREITO, SOCIO CORRESPONDENTE DA SOCIEDADE
DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, SOCIO FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO
DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUEZES

3

MAIS NADA.

Tem versos naturaes, parecem prosa !
Bocage (Sonetos).

AVEIRO

IMPRENSA COMMERCIAL

RUA DE JOSÉ ESTEVAM.

1883



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

FUNDO P.^o ACURSIO
CORREIA DA SILVA

GARATUJAS

POR

Mello Freitas

BACHAREL FORMADO EM DIREITO, SOCIO CORRESPONDENTE DA SOCIEDADE
DE GEOGRAPHIA DE LISBOA, SOCIO FUNDADOR DA ASSOCIAÇÃO
DOS JORNALISTAS E ESCRIPTORES PORTUGUEZES

E

MAIS NADA.

bibRIA

Tem versos naturaes, parecem prosa !

Bocage (Sonetos).

AVEIRO

IMPrensa COMMERCIAL

RUA DE JOSÉ ESTEVAM.

1883



UNIVERSIDADE DE AVEIRO
SERVIÇOS DE DOCUMENTAÇÃO

FUNDO P.º ACÚRSIO
CORREIA DA SILVA

70782-10

bibRIA

Voz no deserto.



João de Deus é incontestavelmente o nosso primeiro lyrico.

Homem que acredita em Deus para não ser um João "Ninguém", que, nas vespervas d'uma epidemia, caiu d'alto abaixo a povoação inteira de Messines, e que no remanso d'alma inventou com affecto um methodo racional de leitura para alegria e allivio das creanças, qual outro mais apaixonado, de maior delicadeza e tão mavioso?

Atraz d'elle grasnou por largo espaço de tempo um rancho de patos n'uma vozeria medonha imitando-lhe a belleza das rimas, e a estructura da phrase.

A "Morte de D. João., de Guerra Junqueiro produziu de subito um cataclysmo como se se rasgassem as entranhas da terra e uma cratera se abrisse vomitando a lava em rolos de fumo. Todos se julgaram n'esse instante com direito a molharem o pincel nas côres iriadas de tão esplendida palheta, esboçaram por isso com as mesmas tintas os perniciosos fructos do lupanar, cantaram o mercurio, a copahiba e a syphilis, esfalfaram as pluraes dos adjectivos, evocaram a desditosa Ophelia, obrigaram Christo a marchar em todas as linhas das suas estrophes, e finalmente prenderam a cotovia entre alexandrinos caudalosos com os epithetos mais

extravagantes bebidos na leitura da opulenta prosa de Flaubert, Zola, e Daudet.

Na esteira phosphorescente do sublime trecho de Soares Passos—"O firmamento,,—muitos outros gonfaloneiros da poesia scientifica tem actualmente interrogado o mysterio e a duvida, hasteando um labaro de perguntas mais causticas do que um emplasto de mostarda, pimenta e cantharidas.

O plagiato é o grande affluente, que as sopra as vagas empoladas da litteratura.

Vou por certo, estuando e redemoinhando, entre os cachões d'aquelles que não inventam, mas imitam, e hoje que os maiores poetas do

nosso paiz arfam dentro de encadernações luxuosas, e gemem em papel velino, no bello typo renascença as suas endechas mais subtis e transcendentes, para me affastar d'elles, e lhes não manchar a chlamyde guerreira, se obedecesse aos impulsos do meu merecimento devia gravar o escalracho dos meus sonetos, carregados de lepra, na casca doente dos platanos ou imprimil-os, quando muito, em papel pardo. Esta confidencia é talvez esteril, mas urgente.

31 de dezembro de 1882.

Mello Freitas.

Salvador. Bairrada
No Passeio Publico
Sungalhos da Paroquia
25-6-1823

A charanga transuda uma gavotte :
Dois caturras discutem acirrados,
E com bengalas corneas d'estoque
Vibram politica em medonhos brados ;

Um coronel solemne, um D. Quichotte
Exige a continencia d'uns soldados,
E trauteando a polka da Mascotte
Giram damas a passos alquebrados ;

As *lorettes* com artes de raposa
Perseguem os alferes ; conjecturo
Que não seja talvez p'ra boa cousa.

Finalmente um burguez, nedio, maduro
Ri do estado inter'ssante de sua esposa
Porque se julga o pae do nascituro.

Forget me not.

(NÃO ME ESQUEÇAS)

Não te esqueço, florinha humilde e bella
Que tornas a campina um firmamento,
Innocente, sublime bagatella,
Joia viva, risonho monumento.

Não sei que poesia encontro n'ella,
Que instilla em roda ethereo, vago alento
Tão breve, tão discreta, tão singela,
Qual pyrilampo, o nitido portento.

N'essa titilação fosforescente,
Lagrima-esmalte da urze tão subtil,
Abrandas as escarpas da torrente

Mensageira do lascivo mez de abril
Quem te não ama, o coração não sente
Miniatura com petalas d'anil !

Vendetta



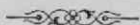
Juraste a minha perdição, ingrata,
A quem adoro como adoro a vida
Casta flôr, flôr de neve estremecida,
Que sorris, quando o teu olhar me mata.

Gravei no peito aquella rubra data
Em que te vi, amor ! qual na avenida
Se entalha na fiel casca endurecida
O nome da huri, que nos maltracta

E, apesar de seres tão bella e mansa,
Folgas que a desventura me persiga
Dilacerado de cruel esperança.

Seja assim ! E' atroz minha vingança,
Pois que amor e odio tanto me castiga,
Cada vez te amo mais, dôce inimiga.

Desditosa cecem!



Pobre flôr, que se estiola
Na vertente da montanha,
Ninguém aqui te consola
Fria sombra te acompanha.

Commoção que te desola!
Uma peçonhenta aranha
Sobre a nitida corolla
A sua rede emmaranha!

Quem te lançou no degredo
D'este acerbo pavimento
Para te olvidar tão cêdo?

—A meus paes fugi mesquinha
Fugi nas azas do vento
Triste sorte foi a minha!...

O Marquez de Pombal



Le Roi Faincant cerrára os olhos
E partira entre nuvens para o ceu
Surge, depois, na côrte um escarceu
Que brame da vingança nos escolhos

D'altas vagas de bronze nos refolhos
Poz a Intriga um galeão como trofeu
A effigie de Pombal tinha em labeu
Jaz na poeira, no olvido, e nos abrolhos.

Então a Inveja alastra a baba escura
Qual serpente, que as roscas ennovela
E a empreza do ministro transfigura.

Entretanto o Marquez com amargura
Diz fitando a grosseira caravella :
—*Lá te vaes Portugal agora á vela.*—

Abandonado!



Uma fita prendi côr de saphira
No leve, tenue pé d'uma andorinha;
Este anno regressou a pobresinha
E junto ao ninho seu constante gira.

Quando o sol no horisonte se retira
Esvoaça em redor de mim sósinha;
Tambem esta alma, soffrega, mesquinha
Por ti enfeitçada geme, expira.

Ella na espuma branca, qual arminho
Foge no mar á raiva dos açres
Não perdendo a lembrança do seu ninho

Só tu na primavera dos amores,
Como vibora occulta em rosmaninho,
De mim te olvidas na estação das flôres.

Garibaldi

(FALLECIDO A 1 DE JUNHO DE 1882.)

E' morto o *condottiere*, o paladino
Soldado da razão e da justiça
Forasteiro, que o sangue desperdiça
Nas refregas do tragico destino.

Genio do bem, suave e peregrino
Estatua de luz e amor toda massiça
A cujo aspecto a multidão submissa
Se agrupa em alvoroço repentino,

Guerrilheiro da America indomavel
Espada de Dijon, e de Marsalla,
De Napoles e Roma inconsolavel !

O solitario de Caprera é morto,
E, quando o heroe no tumulo resvala,
Um calafrio gela o mundo absorto.

Imprecação



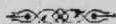
Para que te amava eu? Corpo d'espuma
Cruel enlevo de labios setinosos
Onde bailam desejos luminosos
Estrella, que de luz o ceu perfuma.

Para que te amava eu? Que densa bruma
Me offusca de saudade em tons nervosos
Desfolhando com gritos lacrimosos
As petalas d'amôr uma por uma?

Para que te amava eu? oh! praza aos ceus
Que em quanto o sol girar pelo universo
Naufragues da paixão nos escarceus.

E porque soffro na tristeza immerso,
Pallido goivo ao pé dos mausoleus,
Oxalá que o amôr te seja adverso!

⓪ terremoto



Com fragor açoitando a vaga escura,
O temporal irado, espumacento
Cavalga um perfido corcel—o vento—
Que solta gargalhadas de bravura.

Treme a terra, e com horrida figura,
Como Atlante, sacóde o turvo argento;
Nos gonzos oscillando o pavimento,
Dançam torres no assomo da loucura.

Vae o fogo alastrando o aureo manto,
As ruinas trucidam fugitivos,
Que sangrentos se abraçam convulsivos!

—O que fazer?—inquire o rei em pranto,
O ministro lhe diz com nobre espanto:
—*Sepultar mortos, e cuidar dos vivos.*—

Entre palmeiras



Faíscam os jaezes dos cavallos;
Vibra o som dos clarins pela atmosphera;
Nô dorso de elephantes reverbêra
A seda e prata em crebros intervallos.

Rodeado de innumeros vassallos
Intrepido radjah de côr austera
Busca o tigre e leão, onça e panthera
Crusando as selvas, e galgando os vallos.

No cerrado paul ondula a brenha
E um leão de medonha, hirsuta juba
Em furioso valor se desentranha.

A raiva dos lebreus o estimula,
Os dardos o trespassam, mas derruba
O radjah, que nas vascas estrangula.

Nostalgia



Nos estuarios alpestres do Brasil,
Onde o sol inflammado resplandece,
A cabilda dos negros desfallece
Sob o látego torpe e mercantil.

Nas areias matisa-se febril
O ouro virgem, e no spatho permanece
O diamante, que arisco se aborrece
Entre o cascalho estúpido, imbecil.

O escravo, quando avista um diamante
De dezesete *carats* quebra fôrro
As algemas sorrindo triunphante.

Que me valeu porém o descobrir-te
Diamante sem rival?—Suspiro e mórro
A teus pés almejando possuir-te.

No confissionario



D'um frade libidino e bronzado
Ortego desenhou o rosto bento,
Grave ausculta no sexto mandamento
Uma joven do seculo passado ;

Fascinada respira o ar mesclado
Das lascivas perguntas de convento,
Que se aproveitam do veloz momento
Galopando na senda do peccado.

A pobre flôr arqueja palpitante
Sob esse olhar, que vae como despil-a
Mystico, corrompido e triumphante.]

E na cruz soffredor, agonisante,
Mudo Christo de velha e tosca argila
Pasma da habilidade do farçante !

Boletim militar

1814

Vae rir-se desdenhosa a sombra de POMBAL !
Era doida a rainha. O principe regente
Ostentando gentil a bochêcha eloquente
Tinha bom appetite e ventre clerical,

Mas logo que Junot açaima Portugal
Embarca a toda a pressa e deixa a nossa gente,
Panda vêla o conduz ao Brasil florescente,
E rapido imagina um plano theatral.

Veloz como no monte a trepida gazella,
E' certo resguardava a insipida pessoa
Adiposa e feliz para cingir a c'rôa,

E da nação em prol tão lorpa se revela,
Que nomeia coronel do exercito á cautela
O Santo Thaumaturgo Antonio de Lisboa.

Taborda



TABORDA, altivo heroe da gargalhada,
Que dominas no palco com bravura,
Quando vier sobre ti a morte escura,
Hade sentir-se humilde, deslumbrada.

E rindo a vez primeira enthusiasmada,
Desfranzindo a medonha catadura,
Ao vêr-te e ouvir-te em alegria pura,
Despedaça a fêra clava ensanguentada.

Como subjugas cauto a morte ingrata,
Vences tambem risonho a dúctil alma
D'esta multidão gélida, pacata.

E Satan abysmado diz em calma :

—Sim?!... Mais almas do que eu elle arreбата?

Já Diabo não sou!... Leva-me a palma.—

Antonio Pedro



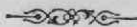
ANTONIO PEDRO, astro fulgurante
Que cruzas do tablado a vasta senda
Como guerreiro impavido da lenda,
Que, em busca de proesas, vaga errante.

Eil o cingindo as armas de diamante !
Sem que o cansaço, ou vil temor o prenda,
Cada vez mais se engolfa na contenda,
Em prol da esquiva fama alti-sonante.

Quando o veu do futuro descortino
No alcáçar da justiça, que rebrilha
Sabeis o que descubro, e vaticino ?

(Isto me pasma ! transporta ! e maravilha !)
Votado a berço humilde p'lo destino
Filho do povo,—a GLORIA—te perfilha !

Mysterioso abysmo



Tepido sonho de luz
corpo, que destila aroma
sublime e claro axioma
espargindo amor a flux!

Uma vertigem produz
teu olhar, o seio, a côma,
voluptuoso symptoma
que a phantasia traduz.

Debil flôr, que o sol admira
beijando com azedume
as estrellas de saphira...

mas ninguem sequer presume
que o meu coração expira
na mortalha do ciume.

Na floresta



Conversa nos abetos a bafagem,
Nas franças range o vento compassado
E á matilha esquivando-se um veado
Pasma de vêr no brêjo a sua imagem.

Que rumor tão subtil, que doce agrado,
Poesia terna e perfida, selvagem,
Em que os echos se arrastam na folhagem
Entre doceis de musgo avelludado.

Irrompem as gazellas nos aceiros
E as cobras apparecem na giesta
Quando as gralhas alagam os olmeiros.

Triste como o silencio da floresta,
Oíço dentro de mim uivos d'horror.
Combatem dois leões—*Ciúme e Amor!*

O cão de bordo



A cerração é densa. O pobre hiate
Sem leme desarvóra na refrega;
Penetra na escotilha a onda cega,
Alquebra-se o baixel no duro embate.

A trovoadá estala, a prôa abate;
No escalér a maruja ao ceu se apêga,
Este a vida infeliz surdo lhe nega,
Que as lágrimas não bastam p'ra resgate!...

Um cão hirsuto, magro, avermelhado,
Com os olhos chorosos, flamejantes,
Que brilham como negros diamantes

Late com desespero, busca a nado,
Mergulha entre os cadáveres boiantes,
O dono encontra, e morre extenuado.

No harem



No matiz do tapete auri-felpudo
Haydê reclina as fôrmas langorosas,
Scismam d'inveja purpurina as rosas
Admirando-lhe as faces de velludo.

Modelo, que convida a obsceno estudo
N'um desmaio entre gazes vaporosas
P'las cassoulas de prata sumptuosas
O ambar, o beijoim arde a mindo.

Quando rompe nos ceus a madrugada
Sentem-se beijos em lascivo espasmo.
Que illuminam a alcôva perfumada

E um eunucho—decrepito sarcasmo!—
Que a barbacã vigia na esplanada,
Crê-se na terra um mero pleonasma.

Esculptura



Que bella estatua ! Collo d'alabastro,
Um riso de crystal, faces ardentes,
Um adreço de perolas os dentes
E os olhos chispam o fulgor d'um astro !

De maus intentos o porvir alastro
Porque passando desdenhosa sentes,
Que intimidas com lívidas correntes
Quem doido beija o sulco do teu rastro.

Paradoxo cruel ! treva d'arminho,
Idolo deslumbrante, ruim creança
Que da ternura forjas sevo espinho !

Quando te vejo occorre-me a lembrança,
Flôr de gelo, sinistro rosmaninho,
D'enforcar-me a sorrir na tua trança.

Cavatina

(PALAVRAS DITAS ENTRE BASTIDORES A UMA CORISTA)

Tenho ideias com-*fusas* e geladas
Sobre a *escala* do amor onde resplende
Lá n'esse vivo *sol*, que mais se accende
Rallentando as promessas calculadas.

A *gamma* dos suspiros não attende,
E' de mau *tom* possuir lindas manadas
D'amantes, que se *afinam* nas ciladas
Das *pausas*, que o desejo não entende.

Algumas joias quiz com ar guapo
E a *compasso* dos negros agiotas
Outras requer n'um prodigo—*dá capo*.

Morre-se—diz o *adagio*—d'alegria
Portanto se eu pagasse em boas *notas*
Expiravamos ambos d'...*harmonia*.

No theatro anatomico



Sobre a meza de marmore luxuosa
Descança scintillante formosura
D'uma creança esbelta, uma pintura,
Que parece dormir silenciosa.

As alvas p^omas, que a virtude espôsa
São como alegre ninho de candura ;
Tão fresca, tão sentida e melindrosa,
Causa pena entregal-a á sepultura.

Os estudantes em prodiga algarvia
Retalhando o cadaver delicado
Jogam chufas de sordida alegria.

Mais tarde o esqueleto dissecado
Assiste ás prelecções d'anatomia
A' escuta com ar petrificado.

Epitaphio



Meu coração aqui jaz, erma ruina
Onde habita a ironia, o vil phantasma
Golphão anachoreta entre o miasma
Perseguido p'la brisa crystallina.

O lyrio, o trevo ri junto á bonina,
Só de raiva a minha alma abdica, pasma
Porque a tristeza famulenta traz-m'a
Nas duras garras d'ave de rapina.

Meu coração aqui, sob esta alfombra
Dos pallidos desdens, justos ciumes
Adora morto e frio a tua sombra.

Até que enfim—oh ceus!—os meus queixumes
Te despertam o choro, que me assombra
Envolvendo o cadaver em perfumes!

Aquarella



Accorda a sombra tacita do lago,
Do rouxinol a candida volata ;
A lua em chispas tremulas de prata
Imprime ao lesto amor um tom presago.

O vento raro e brando com afago
O tredo esquife languido arrebatá
E o transporta subtil, como um pirata,
Dando azas ao terror ignoto, vago.

Suspira na floresta a morna aragem,
As 'strellas trocam beijos delirantes,
Que mais excitam castellã e pagem,

Eis brilha nma coiraca junto á margem
E a frecha sibilando alguns instantes
Acaba n'um só golpe os dois amantes.

Testamento



Lego uma trança do cabelo d'ella
Para atar um cavallo á mangedoura
E as cartas da flacida impostora
Para embrulhar assucar e canella.

Ao credulo rival, deixo, leitora,
A licença de entrar pela janella;
Outrosim deixo as ligas e a fivela
Que cingiram a perna encantadora:

Os beijos que me deu ficam comigo
E a memoria das noites palpitantes
Hade caber tambem no meu jazigo.

O seu retracto irá ao lupanar
P'ra assistir á luxuria das bacchantes
Já que a dona não vae em seu logar.

Barcarola



« Corre, vòa, borboleta, vae graciosa
« Libar ondas de nectar delirante
« A anémora cingir, o lyrio, a rosa
« Com a aza fugitiva, coruscante.

« Vae soffrega d'amor e sê ditosa.
« Dá-se no ceu um caso semelhante
« Quando estrellas em noite vaporosa
« Se abysmam n'uma queda extravagante.

« Vae mariposa, a chamma te fascina
« Na aresta do ludibrio, como esphinge
« Em deserto d'areia crystallina. »

Callam-se as vozes ; picam-se as amarras ;
A gondola deslisa e o mar attinge
Ao som dos bandolins e das guitarras.

Bric-à-brac



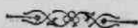
O dono miseravel da locanda
O *brocanteur* terrivel, sanguinario
Agonisa n'um catre solitario
D'uma alcova minuscula, execranda.

Affinca as mãos convulso n'um rosario,
Ao ceu a vida, supplice, demanda,
N'uma imagem de Christo veneranda
Crava os olhos de abutre, de corsario.

Pois apesar das lagrimas-remorsos
Das victimas do seu medonho trama
Ruins phantasmas de lividos escorços.

Nos paroxismos vende, além da cama,
O Christo a um judeu, e em vis esforços
A alma entrega a Satan, que lh'a reclama.

Paysagem



O sol adormecera no horizonte ;
As nuvens em retalhos somnolentos,
Parecem nos bisarros tons cinzentos
O grupo despenhado de Phætonte.

O riacho desliza ao pé do monte
Em frequentes e turgidos lamentos ;
A philomela ensina o canto aos ventos
No chorão, que murmura junto á fonte,

A varzea rescende á laranjeira !
Da cathedral nas frestas em ogiva
Um rancho d'andorinhas s'enfileira ;

E nas trevas soluça a sombra esquiua
Do coveiro, que planta uma roseira
Onde jaz a venal filha adoptiva.

Vae victis

(Struggle for life)

Rasga sacrilego a amplidão celeste
Um milhafre com azas pardacentas
E a colovia harmoniosa investe
Armando as garras torpes e cruentas.

Negro como o lethargo do cypreste,
Rosna o vento nas franças macilentas,
O sol dardeja n'um pallor agreste
Que enthusiasma as nuvens corpulentas.

A luz crua p'lo espaço se derrama,
Engrossam os trovões em alcateia,
Rutila do corisco a alegre flamma.

A presa que o milhafre saboreia
E' o emblema do fraco, o velho drama
Que o systhema do mundo patenteia.

Episodio balnear



N'uma *soirée* heroica, ignea e linda
Jurára o fulvo Arthur até á morte
Ser da formosa e pudibunda Olinda
Chumbando a ella p'ra sempre a sua sorte.

Por ella ao inferno iria, o mar ainda
Beberia d'um trago ! Ella é seu norte,
Meiga estrella de lucido transporte,
Palpitante de rubra graça infinda.

De manhã cedo a nossa *Julieta*
Desce nas crespas vagas a banhar-se
Mascarada n'um fato de baeta

E quando grita prestes a affogar-se,
Chega *Romeu*, exhibe uma gorgeta,
Mas não vae lá, que teme constipar-se.

Reischoffen

6 de Agosto de 1870.

Desfraldam-se estandartes e trombetas,
Ouve-se o crepitar da espingarda;
Quando o canhão ronqueja á retaguarda
Scintilla a larga messe das baionetas.

As coirças protegem a vanguarda,
Dos capacetes poisam nas facetas
As crinas marciaes, vermelhas, pretas,
Com expressão terrivel e galharda.

Bonnemain determina a voz de carga :
Os estribos telintam, fulge a espada,
Debalde a morte os esquadrões embarga.

N'esta lucta cyclopica, gigante,
O exercito francez em retirada
Teve assomos d'heroismo deslumbrante.

bibRIA

Extra-muros

NOTAS

PAGINA 9

Le roi fainéant.—Allude-se a D. José. A contar de Clovis II até Pepino o Baixo, os reis da dynastia merovingia são designados na historia de França como reis *FAINÉANTS*, porque estiveram em permanente tutela debaixo da auctoridade e poderio dos *MAIRES DU PALAIS*.

PAGINA 9

Lá te vae Portugal agora á véla.—Ao amanhecer d'um dos primeiros dias do mez de Abril de 1777, arrancaram do pedestal da estatua equestre o retracto do Marquez de Pombal, e em seu logar collocaram as armas de Lisboa — o navio com os dois corvos proverbias na lenda piedosa de S. Vicente. E' tradição que o Marquez disséra então com acerado sarcasmo—Agora é que Portugal vae á véla—
Vide Latino Coelho—Historia Politica e Militar de Portugal no seculo XVIII, pag. 168.

PAGINA 13

Enterrar os mortos e cuidar dos vivos.—Alguns attribuem o dito ao illustre general Pedro d'Almeida. Marquez de Alorna—(Ferdinand Denis—Histoire du Portugal, pag. 353.)

PAGINA 15

Nostalgia.—Veja-se Oliveira Martins—BRASIL E COLONIAS PORTUGUEZAS, pag. 86 e 87, sobre os diamantes do Jequitinhonha, — e Leon Gozlan, no seu romance "HISTOIRE D'UNE DIAMANT", pag. 53, que diz n'uma bonita phrase encarecendo a difficuldade da pesquisa dos diamantes, que OS SEUS COFRES ESTÃO SELLADOS COM SPATHO, JASPE E FERRO;

e acerca das minas de Visapur, (Bedjapour) vejam-se as paginas 134 e seguintes. O CARAT era a unidade de peso usada antes do systema decimal para pesar os diamantes, as perolas e as pedras preciosas, e era avaliada em quatro grãos, cerca de 22 centigrammas.

PAGINA 17

Boletim militar.— O Marquez de Pombal contractára generaes estrangeiros para a honrosa defeza do paiz, fortificára a fronteira, arcára com a curia romana, tecera uma bem urdida rede diplomatica, reconstituira o reino, e tinha deixado os cofres do estado repletos. Sob o governo da rainha mentecapta o dinheiro gastou-se e o civismo como que desaparecera no alçapão d'uma magica. Foi então que Santo Antonio, que no tempo de D. Pedro II sentára praça e subira a major (Oliveira Martins—Historia de Portugal, tom. 2.º, pag. 179) ascendeu ao posto de tenente coronel. Ha poucos annos correu na imprensa o celebre diploma, que concedeu tão exotica patente ao thaumaturgo.

bibRIA

INDICE



Voz no deserto, pag....	1	Mysterioso abysmo....	24
No passeio publico.....	9	Na floresta.....	25
Forget me not.....	10	O cão de bordo.....	26
Vendetta.....	11	No harem.....	27
Desditosa cecem.....	12	Esculptura.....	28
O marquez de Pombal..	13	Cavatina.....	29
Abandonado.....	14	No theatro anatomico..	30
Garibaldi.....	15	Epitaphio.....	31
Imprecação.....	16	Aquarella.....	32
O terremoto.....	17	Testamento.....	33
Entre palmeiras.....	18	Barcarola.....	34
Nostalgia.....	19	Bric-à-brac.....	35
No confessorario.....	20	Paysagem.....	36
Boletim militar.....	21	Voe victis.....	37
Taborda.....	22	Episodio balnear.....	38
Antonio Pedro.....	23	Reischoffen.....	39
Extramuros.....	41		

ERRATAS

biblioteca

EXTRA-MUROS.—**Notas.**—Por inadvertencia saiu n'esta pagina errada a numerção das notas que passamos a mencionar :
Onde se lê :—Pag. 9—**Le roi fainéant** ; leia-se :—pag. 13.
Outra nota se encontra na mesma pagina, com referencia á dita pag. 13.^a, e não á 9.^a, como se lê.
Onde se lê :—Pag. 13—**Enterrar os mortos e cuidar dos vivos** ; leia-se :—pag. 17.
Onde se lê :—Pag. 15—**Nostalgia** ; leia-se :—pag. 19.
E finalmente onde se lê :—Pag. 17—**Boletim militar** ; leia-se :—pag. 21.

Ironias Transparentes

CRITICA DA IMPRENSA

Actualidade

(N.º 104.)

IRONIAS TRANSPARENTES.—Acaba de ser impresso na Imprensa Portugueza um lindo volume de 130 paginas de leitura agradavel e despretenciosa, finalmente sarcastica e humorista; cheias de colorido e graça em muitos pontos, sufficientemente rendilhadas e cobertas de roupagens n'outros, aciduladas e diaphanas como o nome que levam por epigraphe—*Ironias Transparentes*.

E' seu author Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra.

Consta o livro de varios capitulos,—*O amor, A musica de Frossos, Um sonho, Aveiro*, terra da naturalidade do author; *O meu barbeiro, Colicas*, etc., já tudo publicado nas

columnas do *Campeão das Províncias e Districto d'Aveiro*, e é isto que justifica chamar-lhe Mello Freitas, segunda edição, porque parte alguma d'essa leitura foi até hoje reunida em volume. Etc.....

« O meu barbeiro e a musica de Frossos » são dois fragmentos cheios de humorismo, saturados de ditos espirituosos da musa de folhetim, aquelle genero litterario em que o author se vê mais á sua vontade e que deve cultivar de preferencia.

Agora um conselho e que lhe sirva de incitamento.

Não ha duvida que o livro que nos offertou possui *ironias* e algumas bem *transparentes*, mas queremos ironias novas, estas já as conheciamos; e quem possui espirito, facilidade em escrever e é intelligente como Mello Freitas, não deve estar a reproduzir o que já escreveu ha annos, mas sim deliciar-nos com obras novas.



Tribuno Popular

(N.º 2:171.)

E' um bonito livro pela impressão e divertido pelo assumpto. O prologo á aproveitado de Rabelais, e a ultima pagina prognostica o juizo da imprensa ácerca do merecimento da obra. Tanto a primeira como a derradeira são paginas de criticismo transparente. Etc.....



Districto de Aveiro

(N.º 448.)

O sr. Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito, e nosso collaborador e amigo, acaba de publicar um

livro que, cremos, agradará geralmente, porque, além de estar bem escripto, tem capitulos onde se revela a veia satyrica e humoristica do sympathico escriptor.

Ironias Transparentes, é o titulo do livro do sr. Mello Freitas, o qual consta de diversas producções que já viram a luz da publicidade, mas que por isso não perdem o merito, porque o leitor acha-as sempre novas e agradaveis—tal é o primor da phrase, e a graça, ás vezes frisante, que d'ellas se destaca.

Desejavamos ir mais longe, mas para não offendermos o susceptibilidade do nosso antigo collega, terminâmos por agradecer-lhe a fineza que nos dispensou offerendo-nos um exemplar das suas chistosas *Ironias*.

Jornal da Noite

(N.º 4:683.)

Lêmos com prazer este livro. Tem graça. Ás vezes muita graça. É uma collecção de artigos já publicados em diversos jornaes. O retrato do author é em prosa. Não sabemos se está parecido, mas asseguramos ser feito com arte.

Ao author devemos a offerta de dois exemplares. Muito lhe agradecemos esta fineza, e os termos attenciosos da dedicatória.

Districto de Aveiro

(N.º 475)

Mello Freitas foi meu contemporaneo em direito e camarada nas lides litterarias. Sempre lhe reconheci decidi-

da tendencia para o genero mordaz e satyrico. As *Ironias Transparentes*, que elle acaba agora de publicar, vieram ainda mais confirmar este juizo.

O titulo do livro é exigente. Demais o reconheceu o author. Mas a graça resalta n'aquellas paginas com verdadeira espontaneidade. Chega a ter momentos de muita felicidade.

Pena é que Mello Freitas não tenha alargado mais os seus horisontes, viajando e convivendo com o mundo dramatico, tal como elle é. Por demais é para lastimar que um moço com as aptidões de Mello Freitas seja condemnado a viver eternamente n'uma terra da provincia, e, por tanto, sem os estimulos, que naturalmente nos trazem as grandes cidades, de qualquer natureza que ellas sejam.

Congratulando-me com o meu amigo pelo bom exito do seu trabalho, eu faço votos por que elle se não quede em meio de uma estrada, que de perto lhe está propiciando já um brilhantissimo futuro litterario.—(MAGALHÃES LIMA.)



Districto de Aveiro

(N.º 449)

Trouxe-nos hontem o correio um formoso livrinho escripto por um moço de muito merecimento e nada pretencioso. O livro intitula-se *Ironias Transparentes*; e o author chama-se Mello Freitas.

Tem o livro paginas cheias de *verve*, trechos sentimentaes de muito apreço, quadros de costumes locais cheios de verdade.

O retracto do author, feito por elle mesmo, está esboçado a ligeiros e graciosos traços.

A *musica de Frossos*, *O meu barbeiro*, *Colicas*, *Um primo de José Estevão*, são, no genero humoristico, as peças principaes do livro.

As primeiras são da maior fidelidade, e, quando outro não tivessem, bastar-lhes-hia esse merecimento, para os que conhecem os typos retratados. Sobretudo o artigo *Um primo de José Estevão* é copia fidelissima do celebre sugeito, que nós conhecemos.

Mello Freitas, todavia, não pretende lançar o ridiculo sobre o infeliz personagem que descreve: photographa-o generosamente ao mesmo tempo.

Narra as excentricidades d'aquelle cerebro transviado, e vota uma lagrima de compaixão ao misero, a quem a desventura despenhou nas pavorosas trevas da demencia. Honra aos que assim procedem; execração aos que especulam com a alheia desventura, para provocar a gargalhada do publico.

.....
--(ALBERTO CARLOS.)

~~~~~

**Violetas**

bibRIA

CRITICA DA IMPRENSA

~~~~~

Revolução de Setembro

(N.º 1:822)

VIOLETAS. — Com este titulo publicou o sr. Joaquim de Mello Freitas um elegante volume adornado com o seu retrato, que é o de um moço sympathico e elegante, circumstancia que de certo não será indifferente para as pes-

soas do bello sexo, que aspirarem o aroma fino e aristocratico, que rescendem as paginas do livro.

Lêmos apenas algumas poucas paginas do livro do sr. Mello Freitas, e ficámos encantados com o seu estylo despretencioso e imaginoso, revelando por vezes bastante erudição. Este volume não é como tantos que se põem de parte ao passar pela vista algumas linhas. Depois de se começar a sua leitura, continúa-se até chegar á ultima pagina, e só se suspende quando, como agora nos acontece, o leitor tem de chamar a attenção das pessoas, que presam e cultivam a litteratura patria, para que não deixem passar inadvertidamente um livro, que por tantos titulos merece as attensões.

E' por isso que cumprida esta missão, voltamos immediatamente a tomar na mão as *Violetas* do sr. Mello Freitas, para lhe aspirarmos toda a sua fragrancia.



O Progresso

(N.º 493)

Recebemos ha dias um formoso volume intitulado *Violetas*, devido á bem aparada penna de um modesto mas intelligente escriptor, já bem conceituado na republica das letras, o sr. Joaquim de Mello Freitas.

O volume tem 400 paginas e está nitidamente impresso n'uma typographia portuense.

E' uma serie de contos e romancinhos escriptos com elevação d'estylo e muita correcção de linguagem. O primeiro tem um personagem poetico, a meiga Maria, que desperta o maximo interesse e commove na sua morte, de anjo que sóbe ao ceu, aos quinze annos de idade.

Algumas paginas são engraçadas, e cheias de fino chiste, que encanta.

Nos diversos contos ha typos bem desenhados e descriptos com a consciencia de bom observador.

Conta-se tambem n'este volume um largo artigo ácerca da grande e immorredoura gloria do nosso tribuno parlamentar, José Estevão Coelho de Magalhães, do qual o sr. Mello Freitas se declara admirador até á idolatria. O author compila ácerca do grande orador alguns factos, que lhe são relativos, e commemora outros, que tem bastante interesse, como tudo o que se refere a um tão distincto e notavel vulto.

A leitura do livro do sr. Mello Freitas proporciona algumas horas de prazer e denuncia no author decidida vocação para as lides litterarias, que lhe promettem um futuro brilhante, se proseguir no caminho tão auspiciosamente encetado.



Aurora do Lima

(N.º 3:403.)

E' um elegante volume de 402 paginas, nitidamente impresso em excellente papel e adornado com o retrato do seu sympathico author, o sr. Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito. O livro, que é a todos os respeito muito apreciavel, contem leitura amena, e custa 500 rs.

Acha-se á venda nas livrarias do Porto.



Diario de Noticias

(N.º 4:505)

O sr. Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito, publicou pela Imprensa Portugueza, do Porto, um

volume intitulado *Violetas*, dedicado aos seus antigos camaradas da Universidade, srs. Guerra Junqueiro, Garrido, Candido de Figueiredo, Assis Teixeira, Bernardino Machado, Augusto Rocha, Nunes da Ponte, Alves de Moraes, Alves da Veiga, Magalhães Lima, e Cruz Matheus. E' uma serie de artigos de critica humoristica e narrativas em que o author revelou o seu bello talento.

Sorvete

(N.º 12.)

E' um bom livro, em que o sr. Mello Freitas revela espirito, erudição e talento.

Nas suas *Violetas*, o author das *Ironias Transparentes* allia as louçanias e opulencias de uma linguagem verdadeiramente portugueza, a graça, a fina critica de Karr, e o sentimento que caracteriza as producções de Goethe.

Mello Freitas vibra á vez, e com mão de mestre, todas as cordas do sentimento humano.

Ora nos commove na descripção singela dos soffrimentos de Maria, a pobre flor pendida na haste ao desabrochar na primavera da vida, ora nos enleva na recordação das ratices e bons ditos de José Estevão, provocando-nos gargalhadas de perenne satisfação, ora, finalmente, aviva em nós o rancor pelos tempos do obscurantismo, transportando-nos ao passado, avocando e fazendo perpassar por deante de nós, como sombras sahidas do sepulchro os vultos grandiosos de Guttemberg, Fausto, Dolet, Galileu, Palissy, Jacquard e outros, victimas da ingratidão dos homens a quem legáram os maravilhosos fructos do seu immenso amor pelas sciencias.

E' realmente um livro proprio a enriquecer uma livraria.

D'aqui felicitamos o author pelo seu novo trabalho, agradecendo-lhe ao mesmo tempo o exemplar com que se dignou brindar-nos.—(SÁ DE ALBERGARIA.)



Correspondencia de Coimbra

(N.º 69.)

Violetas.—O author d'este livro é um modesto escriptor de provincia, quasi desconhecido no chamado *mundo litterario*, mas com muito merecimento. Affirma-o n'este volume principalmente, porque elle marca uma grande superioridade sobre as *Ironias Transparentes*.

Não é um livro completo; não o é certamente. Ao lado de cousas de valia, apparecem bugigangas de nenhum valor e que deviam ficar no jornalismo, d'onde foram tiradas para volume.

O sr. Mello Freitas tem qualidades muito apreciaveis de folhetinista. Borboleteia com espontaneidade, muitas vezes com graça, da portugueza, da classica, da que se não educa nem em Karr nem em Heine, mas da que segue muito o rastro luminoso do nosso querido Julio Cesar Machado.

Não tem a ironia que fere e ensina, mas tem a observação isolada dos acontecimentos, que tambem produz bons effeitos. Não sabe relacionar os factos, generalisa-os, e vê atravez d'elles uma lei social, e tambem a reforma que a completa.

Mas apresenta typos ao natural, na despreocupaçãõ do seu viver.

A sua qualidade mais notavel é a do estylo. Bom estylo, opulento, que podia fazer do sr. Mello Freitas um historiador de propaganda, se tivesse dirigido em outro sentido os seus estudos.

Especialisaremos um capitulo que nos impressionou. E' o que se inscreve *Palavras e acções de José Estevão*. Em frente do titulo descobrimo-nos, e deixamo-nos arrastar em admiração por aquella cabeça de gigante, inspirada, que parecia affrontar tempestades, e desafiar grandes situações.

Aqui o author prende bem os factos, *conta bem*, e nós vamos muito naturalmente correndo todas as paginas. Ao lê-las lembramo-nos do bello espirito de Julio Machado na primorosa descripção de duas gerações litterárias e politicas que elle escreveu debaixo da denominação — *Aquella tempo*... — (SERGIO DE CASTRO.)

Voz do Povo

(N.º 29.)

O author conhecemol-o em Coimbra, vae em cinco annos no grupo de Guerra Junqueiro, Candido de Figueiredo, Bernardino Machado e tantos outros de honrada estirpe. E' author de um livro humorista recheiado de bom espirito, vazado este ultimo nos moldes da boa lingua portugueza. O livro em questão chama-se *Ironias Transparentes*: titulo aceitavel por verdadeiro. O titulo de hoje é o defeito capital d'este ultimo. *Violetas* affigura-se nos menos consentaneo á indole de um volume de miscelania humoristico-sentimental — historico — biographico — scientifico. Ha alli revelações frizantes dos varios dotes, de pensador, de observador, e de artista, do sr. Mello Freitas. Mas, porventura, é o titulo — mystificação.

E' um bom livro, escripto com alma, com arte, e com vigor: um bom livro portuguez. Seja este o mais condigno elogio d'aquelle trabalho, n'uma época em que a lingua de Vieira se refugia no norte do paiz saccudida pelo escoucear

dos gallicismos—engaste da sciencia dos pedantes.—(SILVA PINTO.)



Conimbricense

(N.º 3:239.)

Recebemos na quinta-feira um lindo volume—*Violetas*—pelo sr. Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito. E' impresso no Porto.

Ainda o não podemos lêr todo ; mas pelos artigos, que temos lido, e pelo rapido exame dos restantes, dizemos que é uma bellissima publicação.

As historias e as anedotas são ahí expostas em phrase tão amena e com tanta graça, que o leitor vê-se irresistivelmente attrahido pela sua leitura, e custa-lhe a largar o livro.

Muitos e sinceros parabens ao sr. Mello Freitas, na certeza de que as suas mimosas *Violetas* hão de ser muito apreciadas e bem acolhidas pelo publico.—(JOAQUIM MARTINS DE CARVALHO.)



Commercio do Porto

(N.º 216.)

Violetas. Eis um titulo que talvez não exprima claramente a indole d'esta recente publicação a não ser que o author collocando-o na primeira pagina do seu livro quizesse mostrar, como mostrou, o receio de que « essas timidas flôres estremeçam de receio pelo futuro que as espera e oscillem anciosas pela tempestade, que se encastella nas nuvens do crepusculo. »

Infundado receio, de certo, perante a fragrancia que se exhala d'essas paginas tão suaves e queridas como as flôres de que tomaram o nome.

Mas afinal, o que é o livro? Um ramilhete viçoso e matisado com as petalas multicores de perfumada e rendilhada linguagem. Uma collecção de episodios, de scenas romanticas, de typos, de escorços litterarios, etc., etc. Lêem-se n'elle, por exemplo, desde as anedotas mais curiosas que aquilatarem a vida particular do grande tribuno José Estevão, até aos delicados epygrammas, que o mavioso poeta Guilherme Braga improvisou uma noute em uma reunião de familias na Villa da Feira. Leitura variada, agradável, e appetitosa é a que o author nos offerece ao entregar-nos as suas *Violetas*. Uma serie de folhetins, por exemplo, enfeitados em uma capa amarella e precedidos de uma photographia do intelligente escriptor.

Que o perfume das suas ternas flôres embriague a todos com o mesmo deleite com que nos enebriou a nós, é o que desejamos ao delicioso livro do sr. Mello Freitas.

bibliotheca

Diario Illustrado

(N.º 1:959.)

O *Diario Illustrado* em seu numero 1959 transcrevendo em folhetim o capitulo das—*Violetas*—intitulado—*Intrigas*—fez-lhe a seguinte apresentação :

« Com o intuito de fazermos conhecer do paiz mais
 « um genio, e de presentearmos o partido *progressista* com
 « mais um tribuno, que possa supprir as falhas de Ansur,
 « damos hoje á estampa um capitulo do livro—*Violetas*—
 « de que é auctor o sr. Mello Freitas.

« Tem a palavra o genio :

Segue-se a transcrição.

A estes remosques respondi em carta, que vae inserta na benevola critica seguinte.

Violetas, por Joaquim de Mello Freitas, bacharel formado em direito. Porto, Imprensa-Portugueza, 1878.

Recebemos, ha tempos, este elegante volume acompanhado pela seguinte modesta dedicatória :

« Para serem immoladas nas aras da critica imparcial do *Diario Illustrado*, como victimas modestissimas, offerece o author. »

Convidava-nos á sua leitura tanto a modestia da apresentação como a sympathia que sempre nos merece um escriptor novo. Ainda mais, a edição primorosa do gracioso volume, que muito honra a livraria editora, de cujos prelos sahiu, incitava-nos a que o folheassemos com um certo aprazimento.

Porém, muito contra nossa vontade, só agora tivemos ensejo de lêr, com a merecida attenção, as 402 paginas, que o livro do sr. Mello Freitas contém.

Todos os authores, que nos honram com o offerecimento das suas obras, se forem conscienciosos não de desculpar-nos da demora, que frequentemente tem a publicação das nossas apreciações e dos nossos agradecimentos, e do pouco auxilio que, sob o ponto de vista do annuncio e do reclamo, lhes damos.

A pessoa incumbida de redigir aqui esta secção, não pode consagrar ao desempenho de tão agradável encargo, senão uma diminutissima parte do tempo, que em boa justiça demanda tão pesada tarefa. Precisa lêr, na integra, os trabalhos, que lhe são enviados, pois só assim se habilita a poder expôr com franqueza a sua opinião solidamente estabelecida n'uma convicção bem fundada e sincera. Esta leitura tem de ser feita a horas apropriadas sem prejuizo d'outras occupaões, em curtos intervallos de ocio, em dias scc-

cessivos e muitas vezes com interrupções, de muito tempo, forçadas. D'onde se conclue que, pela força das circumstancias, a colheita dos elementos em que se baseia a redacção d'esta secção critica tem de ser para o seu author uma occupação inteiramente secundaria.

N'estas más condições, querendo manter n'estes artigos o espirito de imparcialidade, que diligentemente proseguimos, forçoso nos tem sido sacrificar o empenho de sermos agradaveis a todos, tornando-nos demorados às vezes a ponto da justa impaciencia de alguns authores sahir contra nós dos seus ordenados limites. Estes casos são rarissimos, felizmente.

Os mais frequentes são os das atenções constantes, completamente desinteressadas e independentes, egualmente obsequiosas antes e depois da publicação dos nossos juizos. Façamos aos escriptores portuguezes esta justiça.

Desculpados, d'este modo, de uma demora que a muitos parecerá desattenção ou esquecimento, ha ainda uma circumstancia, em que temos insistido d'outras vezes, e que apesar d'isso não é para todos sufficientemente explicita. A opinião que, acerca das obras litterarias, scientificas ou artisticas, é expendida n'este logar não representa um pensamento colectivo pelo qual todos os nossos collaboradores, das outras secções, fiquem responsaveis. E', pelo contrario, completamente individual, e não podia ser d'outro modo. Isto explica a divergencia de julgamentos, que sobre o mesmo trabalho mais d'uma vez o publico terá observado n'este jornal.

Em geral, as opiniões differentes da nossa, embora nascidas do mesmo espirito de justiça, são caracterisadas por um tom de benevolencia, contra a qual usualmente os authores não protestam.

Ora, com este volume das *Violetas* o caso é exactamente contrario. Nós temos d'esta obra uma opinião favoravel, que não manifestámos até hoje pelas razões allegadas na

primeira desculpa que acima demos. Um dos nossos collegas entendeu, porém, na sua consciencia e muito intelligente imparcialidade, que o livro do sr. Mello Freitas é detestavel. Disse-lh'o, n'outra secção, usando de uma franqueza que merece o nosso maior applauso e de um direito a que nos não é licito oppor nenhuma contestação rasoavel.

Qual de nós tem razão? Os leitores do sr. Mello Freitas são os unicos que n'este caso podem decidir.

Affirmou-se, porém, a este cavalheiro que nós, usando de um processo a que nunca fomos habituados, tínhamos sahido d'este lugar, para mais á vontade lhe dizermos uma verdade amarga a respeito do seu livro. E levado pelo impulso d'esta supposição endereçou-nos a carta seguinte:

« Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. — Rogo a V. Ex.^a a fineza de publicar no seu muito apreciado jornal as seguintes palavras, que julgo necessarias para complemento da apresentação, que V. Ex.^a se dignou fazer de um capitulo intitulado — *Intriga*—extrahido de um livro meu, ultimamente editado.

« Quando offereci um exemplar das — *Violetas*—a essa redacção, tive logo o bom senso não só de não pedir elógios, mas até de os não esperar; e temendo que pelos *galimatias* do costume se provasse que o livro era apenas um chuveiro de dislates, escrevi como dedicatoria

«—Para serem immoladas nas aras da critica imparcial do *Diario Illustrado*, como victimas modestissimas, offerece o author.—

« Não me admirei portanto quando vi que o meu livro fôra recebido desfavoravelmente por essa redacção. Isso provém com certeza do nenhum merecimento d'elle.

« A *Revolução de Setembro*, o *Conimbricense*, a *Correspondencia de Coimbra*, o *Sorvete*, o *Commercio do Porto*, o *Progresso*, etc, foram lisongeiros, o *Diario Illustrado* foi porém sincero. Esta sinceridade, n'estes tempos difficeis, é que eu por isso agradeço.

« Todavia como V. Ex.^a me comparou ao Alfredo Ansur, que é um rapaz de talento, apesar de eu não ter a velocidade de fallar em verso, e de cantar a *esplendidez do Tejo*, ou de celebrar *promontórios políticos*, e por outro lado parece indicar que pertença ao partido progressista, devo afirmar de plano e sem atavios que não tenho a honra de pertencer a este partido, e digo a honra porque entendo que é constitucionalmente necessario que haja alguns outros partidos além do *regenerador*, e creio que esses partidos, bem que peze á illustrada redacção, são o constituinte e o progressista, sendo honra para qualquer não ir com os *caudatarios* do partido no poleiro, e ter o coração bastante largo para recommendar á sua propria ambição alguns compassos d'espera.

« Do capitulo que V. Ex.^a mandou transcrever, faz parte integrante o verso de Beaumarchais :

Sexe aimé sexe volage
Qui tourmentez nos beaux jours
Si de vous chacun dit rage
Chacun vous revient toujours.

« Este verso é capital, aliás pensar-se-ha que não foi o estylo de zombaria, que me levou tão longe, e sim o estado doente e tenebroso do meu espirito.

« E' possivel que o capitulo transcripto encerre d'estes disparates sem absolvição, que são de tremer a terra e empallidecer o sol; mas o que entendo é que um livro não se avalia pelo peor ou pelo melhor e sim pelo seu conjunto, senão diríamos que uma obra magnifica—*O primo Basilio*—era um parto monstruoso de obscenidades e gallicismos (como *affazerês*, *bonhomia*, *elances* etc.) e não sei com que agua benta se desculparia a phrase—*devoral-o vorazmente*—a paginas 227, desafiando quem quer que seja que possa lêr em voz alta, e em familia, o trecho subtil de paginas 230.

« N'um livro recente—*Italia*—do conego Alves Mendes, producção de altissimo valôr, emprega-se a paginas 30 a expressão—*alem de singular unica*—e ignoro como o dictionario possa resalvar o destempero.

« Garrett em manifesta contravenção dos preceitos grammaticaes a paginas 200 dos *Discursos* diz—*tão immenso*—e a paginas 285—*tão atrocissimo*—e apesar d'isso Garrett é uma das glorias mais brilhantes da nossa patria.

« E se por algumas paginas se avaliasse de uma producção e por uma phrase se decidisse de um livro, ou por um lapso se sentenciasse um escriptor, então nem o proprio *Ductor Illustrado* era isempto de pécha, porque no mesmo n.º 1959 em que se fez a critica ligeira das—*Violetas*,—por baixo da estampa do *an* inscreveu-se—*O mosteiro de S. Jorge*—e no artigo respectivo hastear-se a epigraphe—*O mosteiro de S. Sergio*.—O que nos remonta ao celebre panegyrico de S. Sebastião affeiçãoado á apologia de S. Lourenço, convertendo-se apenas as setas em grelhas.

« Desculpe-me V. Ex.^a estas mansissimas rectificações, e consinta-me que declare que achei infinita graça a V. Ex.^a mandar-me de presente ao partido progressista, como se eu fôra um prato de aletria ou uma travessa de arroz doce!

« Confesso-me

De V. Ex.^a

attento, venerador e creado

Costa Nova do Prado

17—9—78.

Joaquim de Mello Freitas. »

O sr. Mello Freitas enganou-se. E ainda bem que assim succedeu, porque foi o modo unico de ficarmos sabendo qual era a respeito das nossas criticas a sua opinião. São uns *GALIMATIAS* por onde se prova, que certos livros são chuveiros de *dislates*!

Ora se tivessesmos sido mais apressados dizendo-lhe

ha muito mais tempo que o seu livro nos revela um tal entoso escriptor humoristico de bastante merecimento, com suas lidas qualidades litterarias, promettedor de melhores, talvez mesmo de boas producções futuras, um narrador alegre despreoccupado, sympathico, sabendo conversar com a pena, genero que entre nós tão pouco cultivado é, um jornalista ligeiro, com bom senso, bom gosto e um ideal litterario um tanto levantado, um folhetinista gracioso, um chronista de folha diaria ou periodica com attrahentes scintillações de espirito; se lhe tivéssemos dito isto ha mais tempo, como sinceramente lh'o dizemos agora, confesse, sr. Mello Freitas, se teria a coragem, se teria mesmo a ideia de nos retorquir, chamando ás nossas phrases *galimatias*?

Ainda bem, portanto, que não podémos mais cêdo louval-o.

O que o sr. Mello Freitas tem de ficar sabendo é que em nós não imperam, quando apreciamos um escriptor, nenhuns sentimentos que nos ceguem a ponto de praticarmos injustiças. Se alguma vez somos menos justos, é defeito de intelligencia e não de má vontade. Agora, por exemplo, eram bem merecidas da nossa parte umas taes ou quaes represalias; não está no nosso genio o tomal-as. O livro do sr. Mello Freitas tem consideraveis bellezas pelas quaes reconhecemos ao novel escriptor as aptidões, que acima enumeramos. Tem bastantes defeitos, desculpaveis todos em quem principia, e que á mocidade não ficam mal. Seja a nossa vingança não lh'os apontar. E acrescente lá, na conta das nossas culpas, mais estes *galimatias*.—(D. ILLUSTRADO.)

Jornal de Horticultura Pratica

(N.º 10.)

Violetas.—Eis um titulo tão despretencioso e modesto como a propria florinha roxa dos campos, que se furta aos

nossos olhares, occultando-se sob a sua abundante folhagem, qual tímida e candida virgem.

As *Violetas* de que tractamos agora não pertencem porém á familia das *Violarias*, mas não deixam, contudo, de formar odorantissimo bouquet, rivalisando em formosura com os mais delicados ramilhetes, sahidos das mãos do jardineiro Alphonse Karr, o espirituoso author das *Guépes*, e de duzias de volumes, que todos teem lido com avidez.

Perdão : ha alguns que não temos lido—devorámo-l-os.

Com as *Violetas* succedeu-nos o mesmo : quasi que as lêmos de um só folego, como acontece sempre que se tracta de um livro isento de rhetorica massadora, ou de uma obra, que, pelo seu estylo e pelo assumpto de que tracta, nos attrahe como o magico cantico da sereia.

As *Violetas* teem esse predicao: são uns devaneios litterarios cheios de verve, de bom humor, e, sobre tudo, de bom senso, o que hoje em dia não é muito vulgar.

O author—levantemos o véo—é o sr. Mello Freitas, mancebo de vigoroso talento, e apreciavel calembourista. Não lhe chamaremos *schistoso*, como alguns escreve, mas sim *chistoso*, que é realmente uma das suas principaes qualidades. O seu chiste não é todavia forçado, como aconteceu agora com o nosso, mettidinho á cunha, como se costuma dizer, mas sim espontaneo e franco.

O sr. Mello Freitas apresenta-nos uma serie de retratos steriotypados do natural, e apanhados em flagrante. Cada um mais bello, cada um mais correcto.

A largos traços, dá-nos a biographia de José Estevão, um dos primeiros oradores portuguezes, acompanhada de innumerous *bons mots*, e de muitas peripecias da sua vida.

Diadema de lagrimas, é o conto com que abre o presente volume, e formoso que elle é. Encontram-se n'estas poucas paginas, scenas de ternura e amor, engastadas em primorosissimo estylo.

Quizeramos comparar este formoso talento a Alphonse

Karr, visto que este nome nos saltou dos bicos da penna, logo ao annotarmos o titulo do livro a que vimos alludindo; não o fazemos comtudo por uma razão bem simples. Diz-nos o sr. Mello Freitas: « não se pode fallar do nascer do sol, do desfolhar da aurora, das nuvens e do orvalho, que nos não salteiem o caminho um bando de poetas e author's esfaimados, que, já antes de nós, descreveram tudo isto, e sem que nos berrem n'um paroxismo d'odio violento: — *Alto lá, que isso é meu!* »

Eis o motivo porque não dizemos que Mello Freitas é o Alphonse Karr portuguez. — (DUARTE D'OLIVEIRA JUNIOR.)

Actualidade

(N.º 18.)

Violetas, por Mello Freitas. — É um livro de 400 paginas, escriptas com mimo e bom gosto. Talvez primeiras producções de uma intelligencia já feita, mas conhecedora das suavidades de um estylo despretencioso e elegante, ressendo o aroma singelo das modestas florinhas, que servem de titulo ao volume. Achamos ser um trabalho curioso e até com certo valor historico, o artigo dedicado a José Estevão.

É por assim dizer a vida anecdotica do grande tribuno portuguez, d'aquelle espirito brilhantissimo, que passou pela superficie do nosso oceano politico, sem tocar no lodo das praias tumultuosas.

Não nos podemos furtar ao prazer de transcrevermos para aqui algumas d'essas anedotas narradas com *verve* pelo sr. Mello Freitas e que apresentam mais de um traço predominante na vida do tribuno.

.....

Já vêem os nossos leitores que o livro do sr. Mello Freitas tem paginas elaboradas com extrema graça e de espirito fino e despretencioso.

Pelos extractos que acabamos de fazer quizemos demonstrar as horas agradaveis, que offerece a leitura recreativa das *Violetas*.

Districto de Aveiro

(N.º 709)

Violetas, por Mello Freitas.—Não é um neophyto este escriptor. Um seu livro anterior—*Ironias Transparentes*—já lhe grangeou merecidos louvores.

As *Violetas*, um caprichoso mosaico com quasi todas as côres da litteratura em prosa,—contêm monographias litterarias, monographias pittorescas, contos, escriptos de phantasia, artigos de pamphleto, discursos, rubricas, memorias e até uma historietta illustrada com gravuras.

Percorre com a maxima espontaneidade todo o immenso teclado, em que os graves são o nojo, como no *Casus Belli* e no *Fartar Villanagem*, e os agudos o *humour* como nos *Typos*.

O A. tem uma imaginação luxuriante e original. Com uma organização violentamente impressionavel, traça um quadro e conclue-o debaixo do poder impulsador da concepção rapida. E' o telephone da litteratura. Funciona por electricidade. A excitação nervosa traz-lhe a impaciencia e a precipitação; e ás vezes não o deixa delinear com nitidez o perfil das suas composições. Um exemplo frisante encontra-se na—*Tristeza*—em que, para explicar o entrecho do seu escorço á Edgar Poe, necessitou de dizer *um segredo* ao leitor e de tres paginas de Palavras Finaes.

A sua physionomia artistica é a caricatura. Com uma

habilidade peregrina, surprehende as feições grotescas dos seus typos e dá-lhes uns traços, que os põe em brilhante relevo. O Quina e o Semana são duas *silhouettes* de Gavarni.

Os arabescos da sua phantasia pittoresca vae desde o *gamin* até Juvenal.

O seu estylo umas vezes infantil, outras titanico, é sempre opulento, animado, malleavel, rendilhado e original até ao phantastico.—(CARLOS FARIA.)



Districto de Aveiro

(N.º 683.)

Recebemos ha dias a visita de um bom livro, e com elle algumas phrases, que nos vieram avivar saudades de um intelligente e assiduo companheiro, que nos honrou com a sua amisade e collaboração nos primeiros annos da publicação d'este jornal.

Violetas, é o modesto titulo do livro; Mello Freitas, o seu author.

N'esta época, em que muitas vezes certas intelligencias mediocres se guindam ao apogeu d'uma gloria ficticia; em que o elogio mutuo é como que a alavanca, que eleva muita nullidade, pretendendo nivellar os nescios cerzidores de phrases com os homens de verdadeiro merito—d'aquelle merito real, que se conquista á custa de muitas vigílias e aturados estudos—olha-se para um livro com indifferença, se no frontespicio não apparece um nome apregoado pelas tubas canoras da fama. A custo, percorrem-se duas ou tres paginas, e poisa-se o volume.

Pois, a despeito d'esta peccaminosa mania, que bem pouco nos honra, homens temos de apreciavel talento, que vivem na obscuridade, porque não depararam nas escabrosi-

dades do trilho da existeneia com quem, profundando as suas obras, lhes fizesse justiça. Mello Freitas está n'este caso. E não obstante, seja-nos permittido dizer sem o menor espirito de lisonja, que o nosso conterraneo é um moço de talento e um estylista de merito.

As suas *Violetas* provam á saciedade o que acabamos de dizer. Nas suas paginas, ora alegres e buliçosas, ora tristes e pensativas, ora repassadas de ironia, ha um não sei quê, que atrahe o leitor; ha finalmente o cunho d'uma intelligencia cultivada, d'um espirito esclarecido, que, profundando por vezes a sociedade, applica-lhe ás chagas mais cancerosas o escalpello da critica mordaz com mão de mestre.

Desejavamos ir mais longê na apreciação do livro do nosso amigo, mas não nos permite alongarmo-nos o pouco espaço de que dispomos. Terminamos, pois, felicitando Mello Freitas pelo seu excellent trabalho litterario, anciando ter ensejo de novamente tributarmos a merecida consideração ao talento de tão modesto como apreciavel amigo.

Districto de Aveiro

(N.º 685)

Gratissimas recordações nos deixou o livro. Bem empregadas horas as que gastámos na leitura d'essas paginas, despretenciosamente escriptas, em que se deleita o espirito e se haure o sabor de uma linguagem verdadeiramente portugueza.

Ha nas *Violetas* um arôma suave, que inebria. Aquella singela e poetica historia de Maria, a flôr dos campos, anjo tutelar dos desventurados, enleva-nos em dulcissimos arreboços, fazendo-nos recordar das melancholicas paginas do *Ra-*

phael e da *Graziella*, avivando-nos saudades do nosso mais querido poeta francez d'estes tempos.

.....

Em resumo: Mello Freitas prestou bom serviço ás lettras patrias, apresentando-nos, na época dos gallicismos e outros vícios de linguagem, um livro escripto em bom portuguez. Além d'este predicado precioso, o escriptor revela variados conhecimentos, que apresenta sem a ridicula ostentação de muitos outros, e manifesta uma decidida vocação para as—descripções,—outro ponto em que nos faz lembrar do cantor do *Jocelyn*.

.....

—(ALBERTO CARLOS.)



Campeão das Provincias

(N.º 2:712.)

bibRIA

O sr. dr. Joaquim de Mello Freitas honrou esta redacção com um exemplar do seu recente livro *Violetas*.

Para nos não furtarmos, com duas linhas triviaes de agradecimento, ao dever de apreciar como merece esta manifestação do talento litterario d'um nosso distincto e intelligente conterraneo, procrastinamos as nossas palavras para depois da leitura.

Por agora, protestamos apenas a nossa gratidão sincera pelo offerecimento.



Homenagem a Serpa Pinto

CRITICA DA IMPRENSA

Jornal de Viagens

E

AVENTURAS DE TERRA E MAR

(N.º 6.)

HOMENAGEM A SERPA PINTO.—Da imprensa do *Jornal de Viagens* sahio um pequeno e elegante volume com o titulo que nos serve de epigraphe, redigido pelos srs. Carlos Faria e Mello Freitas. Espalhada, como foi, profusamente, a publicação de que fallamos, é hoje sobejamente conhecida, para nos occuparmos d'ella com grande desenvolvimento. Ainda assim, alguns predicaos notaveis elevam esta brochura a uma certa altura singular, de modo que faltariamos a um dos artigos do nosso programma se a passassemos sob silencio. Entre outros titulos honrosos a *Homenagem* tem para nós uma qualidade superior: a justiça. Gostamos de vêr a fôrma rapida e promettedora como o espirito publico se vae estimulando com os assumptos geographicos, e approvamos cordealmente o contingente de applausos, que os authores da *Homenagem* trazem em auxilio da hombridade e do esforço com que o explorador portuguez levou a cabo a arriscada travessia da Africa.

.....
Do fundo da sua humildade, que tanto mais graciosa torna a offerta, os authores da *Homenagem*, que se...

com attenção intelligente e anciosa os passos do explorador portuguez, praticaram uma acção modelo, conduzindo ao regaço do trabalhador cansado alguns ramos de flores e fructos refrigerantes. Por tudo isso, pela generosidade do seu intento, pela fórma correcta, nova e esclarecida como se apresentaram os dois escriptores—estendemos-lhe a nossa mão de amigo, felicitando-os cordeal e entusiasticamente.

Revolução de Setembro

(N.º 11:72)

Dois distinctos escriptores de Aveiro, os srs. Carlos Faria e Mello Freitas, publicaram recentemente um interessante opusculo denominado *Homenagem ao distincto explorador d'Africa, Serpa Pinto, major do exercito portuguez*, luxuosamente impresso na imprensa internacional do Porto, e no qual se narra detidamente os antecedentes da exploração tão felizmente realisada por aquelle nosso compatriota. Os nomes já festejados por vezes na imprensa d'aquelles dois illustrados escriptores abonam o merecimento do seu novo trabalho, a que deu origem um elevado sentimento patriótico, e cuja leitura recommendamos aos nossos leitores,

Viriato

(N.º 2:452)

Recebemos e agradecemos um folheto escripto pelos srs. Carlos Faria e Mello Freitas, como homenagem ao distincto explorador d'Africa, Serpa Pinto, major do exercito portuguez.

Escrepto com elegancia e elevação de forma, revela da parte dos seus authores muito estudo, e, sobre tudo, acrisolado amor patrio.

.....
Ao lermos as sentidas paginas que brotaram cheias de fogo e enthusiasmo do coração generoso de dois nossos illustrados compatriotas, sentimos apoderar-se de nós a mesma patriotica commoção ao proferirmos o nome, já ornado com a aureola da immortalidade, do major Serpa Pinto.



Districto de Aveiro

(N.º 765.)

Homenagem ao distincto explorador d'Africa, Serpa Pinto, major do exercito portuguez.—Tal é o titulo de um folheto primorosamente impresso, que acabamos de receber, devido á penna de dois distinctos patricios nossos, os srs. Carlos Faria e Mello Freitas.

.....
Desejavamos fallar mais largamente do trabalho dos nossos amigos, a quem nos ligam antigas relações de camaradagem jornalística; infelizmente, não nol-o permite o pouco espaço de que hoje dispomos.

Agradecendo o livro, endereçâmos aos seus authores o nosso parabem pelo seu primoroso trabalho—nobre saudação de dois verdadeiros portuguezes a um portuguez illustre, que, pelos seus feitos, acaba de engastar na corôa brilhante d'este paiz de tão gloriosas tradições, uma perola de subido merito.



Actualidade

(N.º 151.)

Homenagem ao distincto explorador Serpa Pinto, major do exercito portuguez, por Carlos Faria e Mello Freitas. Imprensa Internacional. Porto, 1879.

E' um livrinho abundante de enthusiasmos sinceros, despertados pela arriscada viagem do valente explorador. São n'elle postas em relevo algumas glorias da patria e exaltados sem exagero os merecimentos de Serpa Pinto.

Sirva-nos de consolo este brado de justiça quando nós recordamos das insolencias e miserias dirigidas, por um invejoso intoleravel, contra o explorador portuguez e que não dão honra nenhuma ao jornal que as admite nas suas columnas.

A *Homenagem* está escripta n'um estylo guindado e digno do assumpto elevado de que trata.

bibRIA

